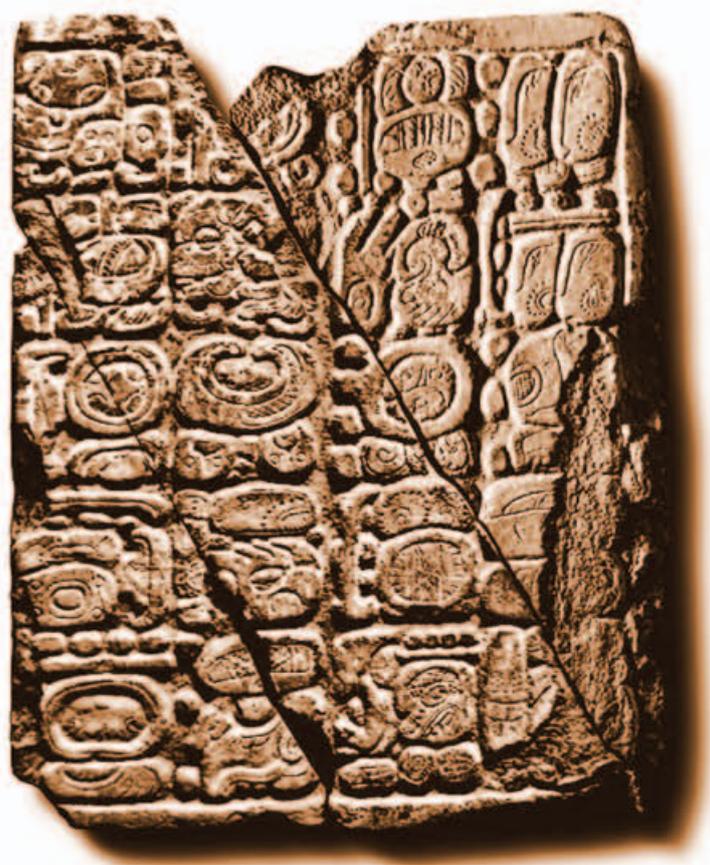


Comunidade Portuguesa de Eubiose

2012

A EUBIOSE E OS SEUS CICLOS

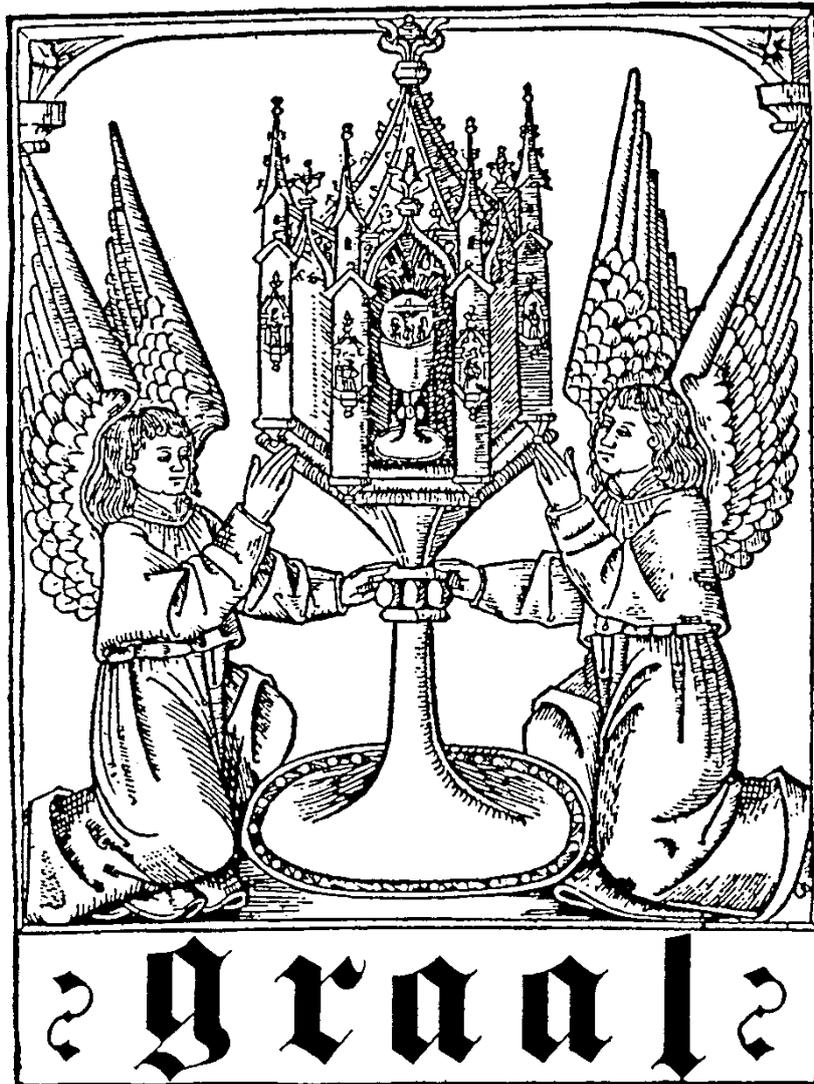


António Tavares

2 g r a a l 2

2012

A EUBIOSE E OS SEUS CICLOS



COMUNIDADE PORTUGUESA DE EUBIOSE

2012 – A Eubiose e os seus Ciclos – 1ª edição

Revista Graal - Número especial

© Comunidade Portuguesa de Eubiose

Autorizada a reprodução parcial desde que citada a origem

António Tavares

2012
A EUBIOSE E OS SEUS CICLOS

Adaptado da Palestra
proferida no dia 19 de Novembro de 2011
na Comunidade Portuguesa de Eubiose



DEDICATÓRIA

Ao meu Mestre que numa das suas vidas esparsas se chamou Henrique José de Souza e aos meus Irmãos eubiotas, a quem tudo devo.

INTRODUÇÃO

Em Maio de 2011 Lars Von Trier apresentou, no Festival de Cannes, o seu filme *Melancholia*. Com uma visão do mundo polémica e provocadora, o realizador dinamarquês conta-nos a história conturbada da relação entre duas irmãs, num momento de particular crise, durante o casamento de uma delas e nos dias subsequentes. De permeio, Lars introduz um estranho acontecimento que marcará todo o enredo: um planeta errático, surgido por detrás do Sol, ameaça destruir a vida na Terra.

A inclusão deste motivo poderá parecer um tanto ou quanto bizarra. Mas não o é para o autor de *Anti-cristo* que, em 2009, mais uma vez em Cannes, haveria de ser o centro de uma outra polémica. Oscilando entre a pateada e o aplauso, Lars acaba por ir introduzindo na cinematografia uma visão muito particular de temas de enorme impacto.

Para alguns, o facto de nos podermos deparar, subitamente, com um novo planeta, vindo por detrás do Sol, será uma autêntica irracionalidade. Não dispomos nós de potentes telescópios, colocados em pontos especiais da órbita terrestre, através dos quais nos é possível ver o que se passa no outro lado do astro-rei? Como poderá não ser notada a aproximação de um corpo celeste vindo dessa direcção?

Para a Ciência trata-se de pura mistificação. Para os estudantes do esoterismo, uma possibilidade a estudar. Desde há milénios, ciência e espiritualismo têm vivido de costas voltadas. Para a ciência, os ocultistas são mistificadores que não percebem os mais simples postulados científicos e falam de coisas que não sabem, nem minimamente compreendem. Para os ocultistas os homens da ciência desconhecem tudo e procuram esconder a verdade a soldo de interesses menos lícitos e inconfessáveis.

Esta postura de desconfiança mútua não é correcta e deve ser combatida por todos. Combatida tanto pelos homens de ciência de mente aberta – não comprometidos com o “sistema” – como pelos estudantes do espiritualismo que compreendem que muitas são as formas de chegar à “Divindade”. Até aquela que se fundamenta na área do conhecimento científico.

Os Mestres sempre fizeram notar que Ciência e Espiritualismo não são antagónicos. O próprio Mes-

tre Tibetano chega a afirmar que, em muitas áreas do conhecimento esotérico, a Ciência está bem á frente do Ocultismo. Na verdade, enquanto estudantes das coisas espirituais, não podemos negar que a Ciência tem sido o cadinho de alguns dos mais elevados momentos do pensamento humano. Tal como a espiritualidade também o tem sido. Que dizer de um Galileu arrostando contra o fanatismo do seu tempo afirmando que a Terra se move em torno do Sol?

Tanto a Ciência como o Espiritualismo devem compreender que são complementares, que devem trabalhar em harmonia e em conjunto para o bem da Humanidade. Não existe, inclusivamente, uma grande linha de desenvolvimento espiritual humano ligada ao Conhecimento Concreto ou Científico? O problema não radicará tanto no que ambas representam mas, antes, na utilização que alguns fazem da Ciência e que outros fazem do Ocultismo, servindo-se deles para o seu proveito pessoal e não como uma forma diferente de ver o Mundo e trabalhar em prol da Humanidade.

Mas, imaginemos, por breves momentos, que, efectivamente, um planeta se dirige ao encontro da Terra vindo de uma zona do espaço não visível. Qual a posição a tomar pela Ciência e pelas Escolas Iniciáticas? Avisar todos? Esconder a situação? Não é fácil solucionar este dilema. O tema tem sido abordado, inúmeras vezes, por psicólogos e sociólogos e

todos parecem ser unânimes numa conclusão: não podendo ser tomada nenhuma atitude preventiva a solução mais inteligente talvez seja nada dizer. Alguns poderão discordar, afirmando que todos temos o direito de saber. Mas sempre se poderá argumentar que o conhecimento será gerador de enormes perturbações sociais. As pessoas viverão os seus últimos momentos em profunda angústia, no seio de convulsões sociais tremendas onde, certamente, os aspectos mais negros da psique humana virão ao de cima. Muitos viverão no mais completo terror, outros na mais profunda melancolia.

Existirá uma outra opção? Poderão as forças positivas da evolução – ciência e esoterismo – apresentar-nos uma alternativa a esta possibilidade? Estamos convictos que sim e será esse, também, um dos nossos objectivos com esta reflexão em torno do mistério e do fascínio que o ano de 2012 transporta consigo, desde finais do século passado.

Como Eubiotas iremos, também, reflectir um pouco sobre a ligação que parece existir entre a importância atribuída ao ano de 2012 para a nossa história colectiva e os grandes ciclos da Eubiose. O Mestre dos Eubiotas – Henrique José de Souza – afirmou que, em 1956, se processou o Grande Julgamento Cíclico de toda a Humanidade. Ora de 1956 até 2012 decorrem 8 ciclos de 7 anos, cujos marcos fundamentais são, precisamente: 1963, 1970, 1977, 1984, 1991, 1998, 2005 e 2012. Na verdade, os

mistérios ligados a 2005, bem como a 2012, não são estranhos à Eubiose, à sua filosofia e dinâmica espiritual. Muitas das interrogações colocadas por este marco importante de 2012 podem encontrar na filosofia Eubiótica um contributo muito importante em termos da sua compreensão e integração no processo colectivo de evolução da Humanidade.

COMO SURGE A QUESTÃO DE 2012

Em 1966 *Michael D. Coe* publicava no seu livro “*Os Maias*” o seguinte: “*existe a sugestão (...) de que o Armagedão destruirá (...) toda a criação no último dia do 13º Baktun. Portanto (...) o presente universo será aniquilado quando o Grande Ciclo da Contagem Longa atingir o seu fim*”. A dedução deste arqueólogo e antropologista Americano poderá ter-se fundamentado em estudos anteriores já que, em 1957, *Maud Makemson* escrevia que: “*o término de um Grande Período de 13 Baktuns terá sido da maior importância para os Maias*”.

Nos anos 70 a questão do 13º *Baktun* conhecia novos desenvolvimentos, quando vários autores começam a discorrer em torno do tema. Falava-se, nessa época, em “*transformação de consciência*” e, posteriormente, em “*convergência harmónica*”, uma expressão criada por *José Arguelles*.

Este estudioso da tradição Maia traz para a ribalta do esoterismo uma corrente denominada *Maianismo*,

que procura recriar as antigas tradições, cultura espiritual e filosofia Maias no mundo ocidental. Criticado por muitos – como não representativo da tradição Maia – Arguelles, no seu livro “*O Factor Maia*”, reflecte sobre a relação que pode existir entre o final de um Grande Ciclo da Contagem Longa (final do 13º Baktun) e a data de 21 de Dezembro de 2012, bem como sobre as implicações dessa provável relação.

Michael Coe tinha já apontado uma data para o final do Grande Ciclo: 24 de Dezembro de 2011. Mas foram os trabalhos de *Robert Sharer* em “*Os Antigos Maias*” – com a publicação de uma tabela de correlações de datas¹ entre o calendário Maia e o nosso calendário actual Gregoriano – que veio dar suporte científico ao estabelecimento da data de 21 de Dezembro de 2012 como a do final do 13º Baktun².

Quando, em 1984, José Arguelles organiza o evento denominado “Convergência Harmónica”, já a data de 21 de Dezembro de 2012 era consensual entre os estudiosos desta questão. Tal ficou a dever-se, em grande parte, ao estabelecimento, entre os arqueólogos e historiadores da Civilização Maia, de um consenso sobre a correlação de datas, como veremos adiante. Naquele evento já Arguelles teorizava sobre uma outra, relacionada com aquela: a de 13 de Agosto de 3113 AC³. Segundo Arguelles, a Terra iniciou aí a sua passagem por um feixe de energia que, segundo ele, emanaria do centro da

galáxia e conduziria a uma sincronização total da vida na Terra com essa fonte cósmica de energia. Segundo ele, os Maias teriam conhecimento deste fenómeno e organizaram o seu calendário em função desta realidade.

A partir daqui multiplicam-se as referências ao ano de 2012, sempre como uma data terminal na nossa evolução. São chamadas à colação as várias tradições escatológicas, principalmente as de raiz religiosa. E são apontados novos factores, alguns deles bem recentes, cujo desenlace parece convergir nessa data.

Temas como: o Calendário Maia, o Grande Alinhamento Cósmico, a Entrada na Idade de Aquarius, o Fim da Kali-Yuga, o 12º Planeta, a Inversão dos Pólos, as Profecias de Nostradamus, o Apocalipse, entre tantos outros, parecem querer conjugar-se numa mesma data: a de 21 de Dezembro de 2012. Para compreendermos este fenómeno será necessário reflectir um pouco sobre a sua origem.

Muita da informação que até nós chega, nos dias de hoje, é veiculada através da Internet. Nos últimos anos estas questões têm vindo ao de cima, tendo como motivo central aquela data, considerada por alguns como a que irá marcar um ponto final na nossa existência colectiva. A Internet é um espelho da vida real. Aí se pode encontrar o melhor e o pior do nosso mundo actual. Através desse poderoso meio de comunicação circulam todo o tipo de ideias,

de mensagens e de conteúdos. Na Internet e da Internet tudo se pode esperar. O anonimato de que se reveste, por vezes, a intervenção nesse meio de comunicação facilita o aparecimento de pessoas e organizações que se pretendem aproveitar dela, como sabemos, para fins menos lícitos.

Muitas mentiras são propaladas através desse poderoso meio de comunicação. No âmbito do esoterismo esta é uma realidade inquestionável. O que leva algumas pessoas a difundirem esse tipo de notícias pode ter diferentes motivações. Para alguns poderá ser uma necessidade de protagonismo. Para outros será mesmo uma atitude intencional, como forma de denegrir o esoterismo.

Os estudantes do ocultismo são muito vulneráveis a este tipo de intervenção maliciosa. O seu espírito aberto, a sua boa vontade, a própria formação espiritual, leva-os a serem presa fácil de mentiras, de rumores de toda a ordem e de toda a espécie de ideias contraditórias, muitas delas sem a mínima fundamentação ou credibilidade.

Essas falácias acabam por ser facilmente desmistificadas, passado algum tempo, conduzindo a uma má imagem do esoterismo e dos seus estudantes. Existem forças especialmente apostadas em denegrir as nossas ideias por este meio: difundir falsas notícias às quais aderimos e que podem, posteriormente ser facilmente desmentidas. Precisa-

mente aquilo que pretendem as forças mais negras da evolução.

Por isso, se deve possuir o maior bom senso e o maior equilíbrio na análise de certas notícias propaladas, não só através da Internet, mas de todos os meios de comunicação. E aqui a Ciência pode muito bem vir em nosso auxílio, levando-nos a possuir alguma distinção, não entre o que está certo e o que está errado, mas entre o que pode estar certo ou pode estar errado. Levando-nos, no fundo, ao exercício, como diria o professor Henrique José de Souza, da “*maior vigilância de sentidos*”.

OS ANTIGOS POVOS DA AMÉRICA CENTRAL

A América Central foi um dos cadinhos mais férteis de civilização. Nos dias de hoje continuam, ainda, a ser descobertos os antigos vestígios dos impérios mesoamericanos, fazendo recuar os limites temporais atribuídos ao aparecimento das primeiras grandes civilizações locais.

Em 1926, foram descobertos em *El Mirador*, na Guatemala, restos de edificações monumentais, as quais se constatou, posteriormente, terem sido erigidas séculos antes da construção das mais conhecidas cidades Maias. Localizada em zona remota e de muito difícil acesso, só nos anos recentes *El Mirador* tem sido alvo de um estudo mais aprofundado e de obras de restauro e conservação de uma pequeníssima parte do seu espólio arquitectónico.

Em *El Mirador* se encontra uma das maiores pirâmides do mundo, conhecida como *La Danta*, com 75 metros de altura. Ocupando uma extensão de 25 Km², *El Mirador* é atravessada por imponentes

passaios elevados com 4 metros de altura, 40 metros de largura, que se estendem por dezenas de quilómetros, unicamente visíveis, em toda a sua extensão, através de imagens de satélite.

Só em El Mirador presume-se que existam 35 pirâmides triádicas. Estas estruturas são típicas da civilização Maia e consistem numa pirâmide ladeada por dois edifícios, que desta forma delimitam uma praça central. No auge da sua história deveria acomodar mais de 100 mil habitantes. Para alguns estudiosos El Mirador é o berço da civilização Maia.

Os estudantes do esoterismo sabem que, na verdade, a Civilização Maia tem a sua raiz – que a ciência continua a fazer recuar para tempos cada vez mais remotos – na perdida civilização da Atlântida. Do mesmo modo que uma parte do remanescente Atlante se dirige em direcção ao Oriente e às regiões do vale do Indo, também para Ocidente uma enorme migração se processa, conduzindo os povos Atlantes em direcção aos novos continentes das Américas.

Desta forma se compreende porque motivo continuam a ser descobertas estruturas monumentais cada vez mais antigas na América Central. Tem sido apenas o clima agressivo desses lugares e a densa vegetação que têm impedido, até aos dias de hoje, um estudo mais incisivo *in situ*. As potencialidades da imagem por satélite têm permitido avanços crescentes na descoberta das antigas estruturas Maias ainda ocultas.

Em termos simples poderemos dividir a Civilização Maia em três fases: a Pré-Clássica, a Clássica e a Pós-Clássica. A primeira ter-se-á estendido até 200 DC e os seus primórdios viram o florescimento do império Olmeca a sudoeste da península do Iucatão. Conhecido pela construção das suas famosas cabeças – estruturas em pedra, esculpidas, reproduzindo o fâcies de indivíduos de perfil negróide, com várias toneladas de peso – que levaram muitos historiadores a deduzir que os Olmecas seriam originários de África.

O período clássico estendeu-se de 200 DC até cerca de 900 DC e viu o florescimento do Império Maia (propriamente dito) e dos seus centros mais conhecidos, como *Izapa* ou *Teotihuacan*. Um dos ramos dos Maias teria emigrado para as selvas da Guatemala, formando a tribo dos Quichés.

Subitamente, cerca do ano 900 DC, os Maias desaparecem como força dominante, cedendo o seu lugar à Civilização Azteca, que se estendeu para o interior do actual México. A conquista espanhola, no início do século XVI, veio colocar um fim no florescimento das antigas civilizações mesoamericanas. A 10 de Fevereiro de 1519 Fernando Cortez parte de Havana para conquistar a América Central. Ao divisar no horizonte os barcos de Cortez, Montezuma, imperador dos Aztecas, acreditava – segundo os historiadores espanhóis – que era *Quetzalcoatl* que

regressava do seu exílio, dando corpo a uma antiga profecia.

A península do Iucatão (bem como muitos outros locais Maias) não possuía originalmente este nome. Em linguagem Maia era conhecida como *maiab* que significava “alguns poucos”. Era a área sagrada dos Maias por excelência, ninho das suas cidades sagradas e locais de peregrinação, como *Chichen Itza*, por exemplo.



4

Esta cidade – tão cara aos Eubiotas, por ser o núcleo de um dos centros mais sagrados do planeta – abandonada cerca de 670 DC, reconstruída 300 anos depois, seria já em 987 DC, um centro de convergência de Maias e Toltecas. O seu nome significa “*na boca do poço dos Itza*”⁵. O que em linguagem eubiótica poderia ser traduzido por “na entrada do subterrâneo dos Itza”.

A organização territorial dos Maias baseava-se no conceito de cidade-estado. Estas funcionavam como núcleos de reinos de maior ou menor extensão territorial e eram governadas por soberanos que

exerciam o seu poder de forma autoritária. Os Maias executavam sacrifícios humanos, para além de outros estranhos ritos com os quais pretendiam atingir estados de consciência alterada. São conhecidos os instrumentos com os quais infligiam, a si mesmos, sangramento intenso, como forma de alcançar uma consciência de quase morte que lhes permitisse o contacto com outras realidades. São, também, conhecidos os processos pelos quais introduziam no seu corpo drogas alucinogénias de raiz vegetal.

A invasão Espanhola do Império Azteca, liderada por Fernando Cortez, faz perder a quase totalidade do legado destas civilizações. Os códices são queimados. No entanto alguns (poucos) chegam até aos nossos dias. Os mais importantes são: o *Popol Vuh*, As Crónicas de *Chilam Balam* e os Códices de *Dresden*, de *Paris* e de *Madrid*. Alguns outros são considerados de autenticidade duvidosa. No entanto, estes são suficientes para levantar algumas interrogações importantes.

O *Popol Vuh* é um conjunto de narrativas originadas nos Maias Quichés, na Guatemala. Literalmente significa “Livro do Povo” e o núcleo central das suas narrativas prende-se com os mitos da Criação



Nascimento do Gêmeo Hunahpú saindo de uma tartaruga

do Mundo segundo a tradição Maia, neles pontificando as épicas aventuras dos Gémeos Heróis: Hunahpú e Xbalanqué⁶. A primeira edição do Popol Vuh é manuscrita e produzida pelo Padre Francisco Ximenes, no início do século XVIII, contendo duas colunas de texto: uma em Quiché e outra (a sua tradução) em Espanhol. O texto original Quiché ter-se-á perdido.

Os Livros de *Chilam Balam* são obras, também manuscritas, do século XVIII, e que tomaram o nome das povoações onde foram produzidas. Neles se recolheu a grande parte da tradição oral Maia, embora com alguma influência dos conquistadores espanhóis. Conhecem-se nove livros, sendo o Chilam Balam de *Chumaiel* o mais importante. Neles se incluem antigas profecias Maias, algumas delas mencionando a chegada á Península do Iucatão dos futuros invasores Espanhóis.

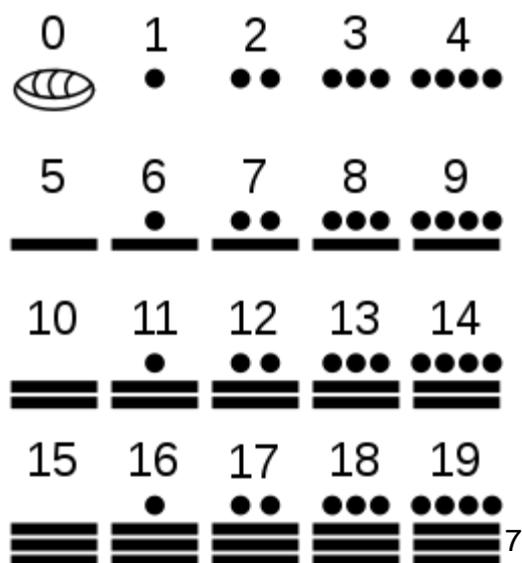
Para além deste espólio existem, ainda, os Códices Maias. Escritos com os conhecidos glifos Maias, em folhas obtidas a partir da casca interna da figueira-brava, têm origem na época pré-colombiana e, por isso, a sua análise oferece toda a confiança do ponto de vista histórico. Infelizmente a invasão espanhola haveria de destruir inúmeros documentos, sendo aqueles que chegaram até aos nossos dias uma ínfima parcela.

O *Códice de Dresden* é o mais importante. Obra do século XI ou XII. Parece ter sido cópia de um

outro, centenas de anos mais velho, o que o torna no mais antigo documento conhecido das Américas. O *Códice de Paris* contém várias profecias, bem como um Zodíaco Maia. O *Códice de Madrid* é outro belo exemplo, embora se pense que tenha sido produzido após a conquista espanhola. Alguns outros existem, cuja proveniência é duvidosa e que foram já desmascarados como falsificações. Mas existem, também, as obras monumentais, estas de enorme impacto: os templos, com as suas inscrições, e as estelas.

Os Maias possuíam uma linguagem constituída por logogramas complementados por glifos silábicos. Parecendo semelhante é, contudo, muito diferente da escrita hieroglífica egípcia, com a qual não possui nenhuma relação. Segundo os linguistas a sua estrutura parece estar mais próxima da escrita japonesa.

A numeração fundamentava-se num sistema de base 20, ao contrário da nossa, que se estrutura segunda a base de numeração decimal. A numeração Maia é construída com 3 símbolos: uma concha, representando o zero, um ponto correspondente à unidade e uma barra, representado o algarismo 5. Por exemplo, o número 13 será representado por duas barras à qual se sobrepõem 3 pontos (5+5+3).



Em certas obras monumentais de grande envergadura os numerais eram ilustrados por glifos, representando faces de conhecidas divindades do panteão Maia.

Mas um dos legados mais importantes desta civilização é o seu calendário.

OS CALENDÁRIOS MAIAS

Podemos considerar que os Maias organizavam os seus ciclos de vida de acordo com 3 calendários principais.

O *Tzolkin* era um calendário que conjugava em 260 combinações únicas 20 nomes de dias com 13 números. Os nomes eram: *Imix, Ik, Akbal, Kan, Chikchan, Kimi, Manik, Lamat, Muluk, Ok, Chuen, Eb, Ben, Ix, Men, Kib, Kaban,*



Etnab, Kauac e Ajau. Depois de 1 Imix teríamos 2 Ik, 3 Akbal, até 13 Ben, a que se seguia 1 Ix, 2 Men, 3 Kib e assim sucessivamente. O dia 1 Imix seria de novo alcançado 260 dias depois do primeiro. Esta prevalência do número 260 tem levantado algumas

especulações entre os estudiosos Maias. Muitos sugerem que poderá estar relacionado com os sucessivos períodos de 260 dias, em que Vénus é visível como estrela da manhã ou como estrela da tarde. Planeta que sabemos ter desempenhado para as civilizações da América Central um papel determinante.

O *Tzolkin* era um calendário essencialmente religioso. No entanto, havia a necessidade de harmonizar este calendário com o calendário solar, ou seja, com os ciclos anuais de 365 dias. Surge, assim, o *Haab*.

O *Haab* possuía 19 meses. Os primeiros 18 – de 20 dias cada – eram designados pelos nomes: *Pop, Uo, Sip, Sotz, Sec, Xul, Yaxkin, Mol, Chen, Yax, Sac, Keh, Mac, Kankin, Muan, Pax, Kayab e Kumku*. Após estes 18 meses, que perfaziam 360 dias, seguia-se um mês de cinco dias, considerados nefastos, designado por *Uaieb*.

Uma típica data de calendário Maia seria, por exemplo: 4 Ajau - 8 Kumku⁸. 4 Ajau referente à data *Tzolkin* e 8 Kumku como data *Haab*. Estas combinações apenas se repetiam de 52 em 52 anos, o que, para a sociedade Maia, política e religiosa, era suficiente para registar as datas mais importantes, contemporâneas, sem existência de conflito. No entanto, para o registo de acontecimentos afastados no tempo, houve a necessidade de criar um novo

calendário. Surge assim a designada *Contagem Longa*.

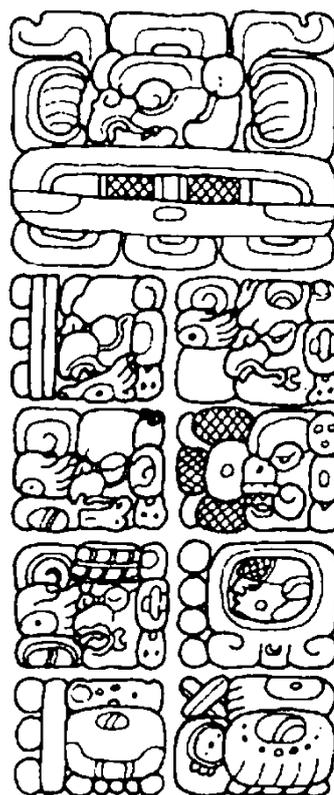
Este calendário fundamentava-se num sistema de base numérica 20 que, como vimos anteriormente, sustentava o raciocínio matemático Maia. Na *Contagem Longa* existem, basicamente, os seguintes períodos com as seguintes designações:

- 1 *Kin* correspondente a 1 dia
- 1 *Uinal* correspondente a 20 Kin – 20 dias
- 1 *Tun* correspondente a 18 Uinal – 360 dias
- 1 *Katun* correspondente a 20 Tun – 7.200 dias
- 1 *Baktun* correspondente a 20 Katun – 144.000 dias

Embora existindo registos de níveis de contagem de ordem superior, são estes os geralmente encontrados na esmagadora maioria dos documentos e monumentos.

As inscrições Maias seguem uma normalização de escrita de datas que deve ser conjugada com a forma como escreviam os seus números. Nas estelas e inscrições a organização das datas é a que se mostra na figura seguinte. O símbolo de topo é um glifo que se designa por “glifo introdutório”, o qual surge em todas as datações Maias. A sua forma é constante, mudando apenas a divindade incluída no desenho interior.

Glifo Introdutório	
Baktun	Katun
Tun	Uinal
Kin	Tzolkin
Haab	Senhor da Noite



Por exemplo, na estela acima a data representada é 13 Baktun, 0 Katun, 0 Tun, 0 Uinal e 0 Kin, representando o “zero” do calendário Maia de Contagem Longa. O dia em Tzolkin e Haab é, neste exemplo, 4 Ajau (ou Ahau) – 8 Kumku (ou Cumku).⁹

A representação escrita destas datas é obtida através de cinco números separados por pontos. Por exemplo, a data 13.0.0.0.0 significa: 13 Baktun, 0 Katun, 0 Tun, 0 Uinal e 0 Kin, a mesma da figura anterior.

Pela análise de datas insculpidas em monumentos e escritas em documentos Maias, comparáveis com datas do nosso calendário gregoriano, é possível, por regressão, determinar a data em que, anteriormente, ocorreu o dia 0 do Calendário Maia. Esta correlação conduziu a inúmeras hipóteses. Aquela

que, hoje em dia, reúne maior consenso é a conhecida como GMT, nome derivado dos estudiosos: Goodman, Martinez e Thompson. Esta correlação faz coincidir o dia “zero” Maia com a data de 11 de Agosto de 3114 AC. Sendo assim, a próxima data correspondente ao dia “zero” do Calendário Maia ocorrerá a 21 de Dezembro de 2012. Atingiremos, de novo, o fim do 13º Baktun. Na verdade, reside aqui o fundamento de todas as discussões em torno do fenómeno 2012.

Estaremos em presença de “um fim do mundo” como alguns receiam? Que significado terá esta data para a nossa civilização? E, principalmente, que significado atribuíam os próprios Maias (e atribuem os seus descendentes actuais) a este evento?

No *Popol Vuh* se contam as histórias da criação do mundo segundo a visão dos antigos Maias. Nele se fala das sucessivas eras passadas, denominadas “sóis”, onde os deuses procuraram, por tentativa e erro, criar a espécie humana. Só no início da presente época – o 4º sol – isso foi conseguido, sob o impulso criador de *Kukulcan*, a “Serpente Emplumada”, que para os Quichés toma o nome de *Gukumatz* e, para os Aztecas, o de *Quetzalcoatl*.

Será que nos aproximamos de uma nova etapa do processo criador Maia, entrando numa 5ª época, num 5º sol? Se, na realidade, o último “ano zero” Maia ocorreu há milhares de anos, então poderemos supor que no final do próximo 13º Baktun, em 21 de

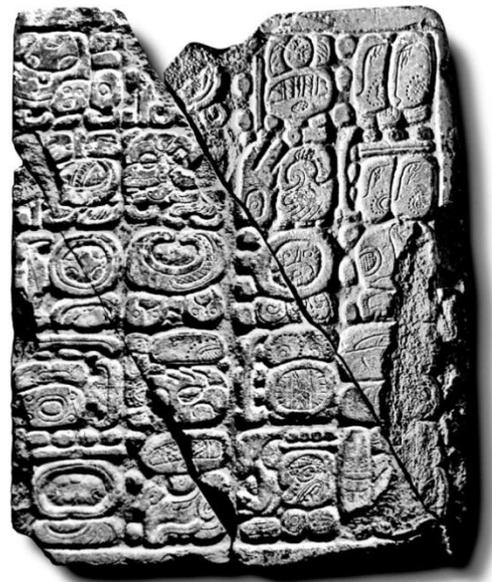
dezembro de 2012, entraremos num novo sol, numa nova era. Para os actuais anciãos Maias da região de Chiapas trata-se da entrada numa época de renovação, que deve ser saudada por todos como um mundo de oportunidade e não como o fim do mundo, tal como o conhecemos. Poderíamos, talvez, inferir que se tratará do “fim de um mundo” e não do “fim do mundo”.

Contudo, para os Aztecas, vivemos, nos nossos dias, na era do 5º sol, subordinado ao símbolo “movimento”, onde o planeta deverá ser transformado através de um poderoso tremor de terra.

Numa estela do Monumento 6, no sítio arqueológico de Tortuguero,¹⁰ no México, surge o seguinte texto, segundo a tradução comumente aceite entre os estudiosos Maias:

*Será completado no 13º
Baktun
No 4 Ajau 8 Kankin
E será visível(?)
A manifestação(?) de Bolon-
lokté
Numa grande investidura(?)*

Bolon lokté parece ser uma divindade um tanto obscura no panteão Maia. Surge em algumas inscrições como um deus da guerra e do mundo subterrâneo. Aparece representado com uma corda ao pescoço



ou transportando um saco de incenso, significando para os historiadores Eberl e Prager “o sacrifício para que se cumpra o final de um ciclo de anos”.

É, pois, nesta estela que surge a única referência conhecida ao final do 13º Baktun, como data futura e de significado religioso para os Maias, bem como uma explicação das suas consequências e do que poderá suceder.

Como vemos, os Maias prognosticavam para essa data não o fim do mundo, mas uma época de renovação e de reintegração dos aspectos superiores do homem numa nova mundividência.

Compreendemos, assim, que foi este texto, conjugado com as referências do Popol Vuh, que deram origem à definição da data de 21 de Dezembro de 2012 como a provável data para o “fim” do Calendário Maia.

Cristóvão Colombo escreveu entre 1502 e 1504 o “*Libro de las Profecias*”. Nele, Colombo discorre sobre o significado escatológico da descoberta das Américas, afirmando que poderia ser um sinal do fim dos tempos. À época cresciam os rumores na Europa sobre o fim do mundo, previsto por muitos astrólogos, o qual estaria eminente, por via de um



Representação de Bolon Yokte

segundo Dilúvio, que atingiria a Humanidade em 1524.

Vejam os agora de que forma a questão de 2012 e do Calendário Maia acabam por ter impacto no pensamento esotérico ocidental e conduzem a uma corrente de pensamento escatológica que prenuncia o fim do mundo para o dia 21 de Dezembro desse ano.

ALINHAMENTOS CÓSMICOS

A questão de um Grande Alinhamento Cósmico foi levantada pelo astrólogo *Raymond Mardyks* ao afirmar que, em 1998/1999, no solstício de Inverno, o Sol estaria alinhado com o plano da galáxia, acontecimento este que só ocorreria, segundo Raymond, a cada 26.000 anos. *John Major Jenkins* desenvolveu estas ideias e assegura que os Maias teriam intencionalmente associado o final do seu calendário a 21 de Dezembro de 2012 para corresponder ao período (centrado em torno de 1998/1999) durante o qual o Sol, repetimos, no Solstício de Inverno, estaria alinhado não só com o centro da galáxia mas também com uma zona escura do firmamento, conhecida como a “Barreira Negra”.

Esta, é resultante de aglomerados e sobreposição de poeiras cósmicas, impedindo a visão no espectro da luz visível. Contudo, é transparente para outros tipos de radiação fora desse espectro e aquilo que

se encontra para além dessa barreira é, hoje em dia, conhecido. Deste modo sabemos que na sua direcção encontramos, no centro da galáxia, um massivo buraco negro, que tem levantado, nos últimos tempos, algumas interrogações no âmbito científico.

Essa “Barreira Negra” sempre foi referenciada em todas as tradições, sendo conhecida dos Maias como “*A estrada de Xibalba*”, a estrada para os mundos subterrâneos. No Popol Vuh era designada como a “*estrada negra*” que os Gémeos Heróis devem percorrer para dar batalha aos Senhores de Xibalba. Para os Maias, essa zona do céu (localizada na constelação do Sagitário) marcaria a entrada para o mundo subterrâneo, uma estrada a ser percorrida mas que estranhamente conduziria, segundo os Maias, no fim do seu percurso, ao coração do céu.

É muito difícil determinar o equador celeste, por não ser possível definir com precisão os limites da nossa galáxia. Por outro lado, a não coincidência do plano da órbita da Terra com o centro conhecido da galáxia torna impossível um alinhamento exacto. No entanto existe, de facto, uma grande aproximação no momento do Solstício de Inverno e uma passagem sobre o equador galáctico. Mas essa aproximação e passagem não ocorrem especificamente no dia 21 de Dezembro de 2012, mas no “21 de Dezembro” de um período que se estende por cerca de 40 anos em torno de 1998/1999.

Neste sentido, John Major Jenkins tem alguma razão quando centra nestes anos a época em que decorre o fenómeno. Talvez que uma das primeiras deduções que possamos extrair desta reflexão seja a de que o chamado “fenómeno 2012” não deva ser restringido a uma data específica mas, antes, a um grande período mundial, durante o qual profundas mudanças ocorrerão em todas as estruturas humanas.

Jonh Major Jenkins defende que *“Não existe nenhuma evidência que os antigos Maias tivessem profetizado o fim do mundo para 2012. O calendário Maia não termina em 2012. O fim do mundo em 2012 é uma construção falaciosa, uma projecção exploradora e desinformada de escritores”*. Opinião esta muito no seguimento da expressa por Sandra Noble: *“Para os antigos Maias era uma enorme celebração que deveria ser feita no final de um grande ciclo”* e que o fenómeno 2012 é *“uma completa fabricação e uma oportunidade para muita gente facturar.”*

SISTEMAS SOLARES BINÁRIOS

Em 1976 *Zecharia Sitchin* publica o seu livro “*O 12º Planeta*”. Nele nos conta a epopeia suméria sob uma outra perspectiva e como, na sua opinião, ela se prende com um misterioso povo das estrelas: os *Anunnaki*. Para Sitchin os Anunnaki seriam provenientes de um outro planeta do sistema solar, cuja orbita elíptica, muito alongada, o levaria a atravessar a da Terra a cada 3.600 anos, perdendo-se, depois, nos confins do sistema.

Segundo Sitchin, numa das suas anteriores passagens pelo núcleo central do sistema solar, teria colidido com um planeta localizado entre Marte e Júpiter, a que chama *Tiamat*. Colisão esta que estaria na origem da formação da cintura de asteróides. A alusão acaba por não ser estranha a outras tradições que referem um episódio mítico, conhecido como a “guerra nos céus”, ocorrido nos primórdios da nossa evolução; um combate entre as forças do “bem” e do “mal”, num âmbito cósmico, cujas consequências se

repercutiriam na evolução futura da toda a Humanidade.

A partir da publicação do “12º Planeta” multiplicam-se as referências à existência de um astro errante na nossa vizinhança cósmica. Para uns tratar-se-á de um 12º planeta, para outros, de um corpo vindo do exterior do sistema e, para alguns, ainda, de uma estrela companheira do Sol, uma anã castanha. Deste modo, o nosso sistema solar seria – à semelhança de muitos outros – binário, um sistema com duas estrelas movimentando-se em conjunto.

Nos últimos tempos – principalmente a partir dos anos 90 - têm sido levantadas muitas interrogações que se prendem com uma possível colisão de outro corpo celeste com a Terra, nelas se referindo o ano de 2012 como limite temporal para esse acontecimento catastrófico. Periodicamente, muito vêm a passagem de qualquer asteróide como uma hipótese de impacto, mesmo que as projecções anunciadas da trajectória coloquem esse “voo rasante” a muitos milhões de quilómetros no nosso orbe.

Vários nomes têm sido apontados para esse corpo errático: Nemesis, Nibiru, Hercolubus, Planeta X e, mais recentemente, o cometa Elenin. Todos têm alimentado as mais variadas especulações. Contudo, nos nossos dias, a comunidade científica vê com plausibilidade a existência de uma companheira do Sol, embora afirme que a possível localização actual, sendo muito distante, impede a comprovação

da sua existência. Facto agravado por se poder situar para além do Cinturão de Kuiper e mesmo, quem sabe, na zona da Nuvem de Oort, berço dos cometas do nosso sistema solar.

O tema tem sido focado nos meios científicos sem constrangimentos. O sistema solar é algo bem complexo, contendo muitos corpos celestes para além dos habitualmente conhecidos. Sabemos que há poucos anos foi descoberto um novo planeta a que se chamou Sedna. Mas após esse, outros foram divisados nos confins do sistema. O problema não será tanto o de saber se existem, mas antes o de conhecer o seu comportamento e se algum deles coloca alguma espécie de ameaça para a Terra.

Na verdade, consciente ou inconscientemente, Lars Von Trier acaba por dar corpo a um vago sentimento de inquietação que, subliminarmente, parece assomar no seio do nosso inconsciente colectivo.

A PRECESSÃO DOS EQUINÓCIOS

Os astrólogos nutrem um especial interesse pela questão da precessão dos equinócios, fenómeno astronómico que faz deslocar a posição do Sol na esfera celeste, no momento do equinócio da Primavera, segundo um período que se completa em cerca de 25.000 anos, precisamente 5 vezes um ciclo da Contagem Longa do calendário Maia. No fundo, acaba por ser o responsável pela ocorrência do grande alinhamento cósmico que referimos anteriormente e pela alteração, ao longo dos milénios, do pólo norte celeste. Resulta de um movimento particular da Terra que oscila, muito lentamente, como um pião.

Quando se fala da entrada na Idade Aquarius pretende-se apontar a passagem do ponto vernal da constelação de Piscis para a de Aquarius. Neste sentido se diz, também, que entrámos já numa Nova Idade, uma Idade de Ouro, a Satya-Yuga dos Hindus, para a qual estão profetizadas, desde há muito

e nas mais variadas culturas e tradições, grandes realizações para toda a Humanidade.

Na Idade Aquarius veremos um novo mundo – um 5º sol, como diriam os Maias – onde prevalecerão justas e fraternas relações humanas, sob os auspícios da manifestação renovada da Divindade entre os Homens. Para os Eubiotas trata-se do Novo Pramantha, segundo os ensinamentos do Mestre Henrique José de Souza.

As diferentes tradições americanas não contemplavam uma perspectiva escatológica do “fim dos tempos” no mesmo sentido de outras, como a muçulmana ou cristã, que prevêem uma confrontação final entre as forças do bem e do mal. Tanto para os Sioux ou os Navajos da América do Norte, como para os Toltecas, os Incas ou os Tupis, o futuro do mundo será marcado por acontecimentos importantes, mas que parecem despidos dos aspectos radicais e trágicos de outras tradições.

Isto não significa que para essas culturas os tempos futuros não tragam transformações profundas, acontecimentos determinantes, como os profetizados no monumento 6 de Tortuguero, no qual se “adivinha” a investidura de uma grande divindade entre os Homens. Para os estudantes das coisas iniciáticas a “investidura” deste grande Ser – aqui designado por Bolon Iokté – não é outra senão a manifestação, de novo, entre os Homens, da centelha divina, Maytreia, o Cristo de Aquarius, ou qual-

quer que seja o nome que as várias tradições mundiais lhe outorguem.

A nós resta-nos saber integrar estas transformações futuras numa perspectiva de continuidade de trabalho espiritual, por mais difíceis que possam ser os anos vindouros. A tradição Maia não profetiza para os nossos dias o “fim do mundo”, mas devemos sublinhar que também não afirma tratar-se de uma época irrelevante de conteúdo. Até nós chegou, apenas, uma ínfima parte do legado Maia. Talvez as referências incluídas no monumento 6 de Tortuguero tenham sido objecto de outros contributos, quer da civilização Maia, quer de outras culturas e povos das Américas. Infelizmente, ainda não os conhecemos.

A IMPORTÂNCIA DE VÊNUS

Todos os povos da América Central conferem um especial papel a Vénus, o que acaba por se reflectir na forma como os seus calendários e ciclos foram definidos. O Códice de Dresden é um excelente exemplo de um documento Maia que presta uma particular atenção aos movimentos de Vénus, existindo aí registos de um ciclo completo desse planeta.

Um aspecto interessante da sua órbita, do ponto de vista relativo da Terra, prende-se com as passagens de Vénus pelo Sol. Estando perto do astro-rei e tendo uma pequena dimensão, do ponto de Vista da Terra, as conjunções perfeitas de Vénus e do Sol podem ser vistas observando a pequena sombra que Vénus projecta quando transita sobre ele.

Considerando o movimento relativo de Vénus e da Terra, estas passagens – visíveis do nosso planeta – ocorrem aos pares, sucedendo-se após 121,5 ou 105,5 anos. Em cada par, os trânsitos estão separados de oito anos. São considerados dos fenómenos

celestes previsíveis mais raros. O último par de trânsitos verificou-se em Dezembro de 1874 e Dezembro de 1882. Estamos em plena época de um outro par, tendo ocorrido o primeiro trânsito em 8 de Junho de 2004 e indo ocorrer o último a 6 de Junho de 2012. O que não deixa de ser extremamente curioso, no contexto que estamos versando. O próximo par de trânsitos terá lugar em Dezembro de 2117 e Dezembro de 2125.

Como vimos, Vénus possuía uma extrema importância para os Maias. Provavelmente, teria sido por observação do seu movimento que Maias e Aztecas organizaram a estrutura dos seus calendários. Para os Maias era “*Noh Ek*”, a “Grande Estrela”, também chamada “*Xux Ek*”, a “Estrela Vespa”, estando relacionada, como vimos, com Kukulcan, Gukumatz e Quetzalcoatl.

Este regresso de Vénus sobre o Sol em 2004-2012 é significativo, no contexto da nossa exposição, por três motivos fundamentais. É congruente com o período do grande alinhamento cósmico que referimos anteriormente, representa simbolicamente – os estudantes das coisas iniciáticas conhecem este aspecto – a dignificação da Hierarquia dos Kumaras na sequência da sua profunda relação com a evolução terrestre desde os tempos recuados da Lemúria e está de acordo com o período temporal de sete anos que medeia entre 2005 e 2012, cuja importância iremos referir posteriormente.

Porventura, os estudantes da astrologia farão notar que, durante estes trânsitos – dada a sua conjugação perfeita com o Sol – Vénus se encontra em “combustão”. E que isso poderá não ser positivo. Será trazida á colação a extrema precariedade do mundo em que vivemos, cujos sinais mais negativos se acentuaram após 1998 com especial ênfase a partir de 2004/2005. E isto, não o podemos negar, é um facto incontornável.

O I CHING E 2012

Terence McKeena foi um escritor norte-americano que se debruçou sobre vários aspectos da realidade esotérica, oculta, do seu tempo. Nascido em 1946 e falecido em 2000, vive os anos setenta na plenitude da sua juventude. Em 1971, com o seu irmão Dennis e outros amigos, parte para a Amazónia Colombiana em busca do contacto com as plantas e os cogumelos que proporcionavam outras experiências sensoriais. Numa delas, McKeena vive um momento de grande inspiração e êxtase, quase místico, ouvindo uma voz que o incita a explorar os segredos do I Ching. Ao falar com o seu irmão Dennis, Terence descobre que ele teve, precisamente, a mesma experiência. Isto levou-o a estudar as formas mais primitivas do I Ching, a sua génese e qual o significado profundo contido nos hexagramas. Estudos posteriores levaram-no a criar aquilo a que denominou “*Teoria da Inovação*”.

Mas é no seu livro “*A Paisagem Invisível*” que Terence elabora sobre a sequência do I Ching e de que modo essa sequência pode ser estudada de um ponto de vista matemático, transformada num gráfico e adaptada para um determinado período temporal. Segundo ele, esse gráfico seria demonstrativo da evolução de acontecimentos – durante o período de tempo ao qual fosse aplicado – segundo a perspectiva daquilo a que chamou o “fluxo da inovação”.

O I Ching pode ser visto como uma sequência ordenada de hexagramas de 1 a 64. Cada hexagrama é composto de 6 linhas Yin ou Yang, abertas ou fechadas. Na figura vemos, por exemplo, a sequência dos hexagramas 1, 2 e 3. Notemos que do primeiro para o segundo existe diferença em seis linhas, do segundo para o terceiro em duas.



Se encontrarmos todas as diferenças numéricas entre dois hexagramas consecutivos, poderemos construir um gráfico com a evolução dessas diferenças ao longo de todo o ciclo de 64 hexagramas.

atractor teleológico no final dos tempos que aumenta a interligação existente entre todas as coisas atingindo-se, eventualmente, uma singularidade de infinita complexidade”.

Terence acaba por criar um programa de computador para estudar o comportamento deste gráfico e adapta-o à História, procurando descobrir se ele se aplicaria como instrumento prospectivo da evolução humana. Tendo obtido algum sucesso nessa demonstração, propõe a hipótese de que o gráfico indicará os momentos de inovação mundial correspondentes a grandes mudanças na nossa sociedade.

Segundo Terence, os acontecimentos mundiais parecem repetir-se, como se cada fase da nossa evolução decorresse segundo ciclos idênticos aos de outras fases, contemplando em si pequenos ciclos dentro de grandes ciclos. Terence parte assim do pressuposto que esta é uma curva fractal.

Na primeira edição da “Paisagem Invisível”, Terence fala já de 2012. Mas é só na edição de 1993 que faz ancorar o seu gráfico na data de 21 de Dezembro daquele ano, procurando, por recorrência, encontrar as datas anteriores mais significativas.

A IMPORTÂNCIA DA LINGUAGEM

“*Bot*” é um diminutivo de robot. Um “robot internet” ou “internet bot” – em língua inglesa – é um programa de computador configurado para executar tarefas repetitivas na internet. O programa está residente num computador e sem intervenção de nenhum operador executa várias tarefas automáticas que podem ir de uma simples pesquisa de termos à recolha de informações disponíveis nas páginas visitadas. É claro que um programa deste tipo pode ser utilizado de forma perfeitamente inocente ou possuir um fim menos lícito.

Em 1997 *Cliff High* e o seu sócio *George Ure* criaram um programa de computador – um robot internet – para o qual reclamaram a capacidade de prever acontecimentos futuros através do registo e análise das palavras mais usadas na internet. A intenção dos seus criadores era obter a capacidade de prever as tendências de mercado. A venda estava limitada a empresas e os relatórios nunca foram tornados

públicos. O aparente sucesso obtido nessa previsão levou-os a estender a sua aplicação aos grandes acontecimentos mundiais. Cliff e George designam-se a si mesmos como “Os Monges do Tempo”, preservam cuidadosamente os algoritmos do seu programa e mantêm uma página da internet denominada “*Half Past Human*”.



A ideia que subjaz a esta experiência é simples e baseia-se no seguinte postulado formulado por estes dois investigadores: “*as alterações de linguagem precedem as alterações do comportamento*”. Vejamos um exemplo. Imaginemos que é possível registar todas as conversas que decorrem no seio de uma família e que anotamos a frequência com que ocorre a palavra “dinheiro”. Se em registos posteriores a frequência dessa palavra variar, então isso significa que a família será confrontada, num futuro breve, com uma questão relacionada com dinheiro. Mesmo que – aspecto muito importante – esse não seja um problema para a família actualmente ou dele nunca tivesse estado consciente.

O programa criado por Cliff e George percorre milhares de páginas da internet, diariamente, regis-

tando termos usados em textos, notícias, conversas públicas, fóruns de discussão, procurando abranger o maior número e diversidade possível de origens. E são registados não só os termos, mas famílias de palavras que se podem relacionar entre si, designadas por “*entidades*”, bem como a proximidade existente entre termos relacionados numa frase ou num discurso. O processo é mantido propositadamente secreto, mas das entrevistas e textos dos dois investigadores sabemos, por exemplo, que um dos níveis de análise é chamado de: “*os segredos revelados*”.

Os relatórios produzidos, periodicamente, têm o nome de ALTA, acrónimo em língua inglesa significando “Análise da Tendência da Linguagem Assimétrica”. Recentemente, o nível de análise tem convergido em 2012 e nas suas implicações, sendo evidente, para os dois investigadores, existir um atractor linguístico relativo a esta data. Para eles está fora de causa poder tratar-se de uma indução provocada pela especulação recente em torno dela. A análise afasta esta hipótese. A questão central reside em interpretar os dados recolhidos e fazer a sua leitura de forma correcta e coerente. Em Fevereiro de 2011 Cliff High publica um excelente artigo sobre o assunto chamado: “2012 – O fim do mundo já não é o que era”¹³. Nele diz: “*Apesar do título, 2012 continua a ter TUDO a ver com catástrofes e cataclismos.*

Chegar a qualquer outra conclusão é não estar atento às circunstâncias que se manifestam”.

Todas estas reflexões nos fazem recordar *Paco Rabanne*. No seu livro “*Trajectória. De uma vida a outra...*”, publicado em 1997, o estilista – vivendo um especial momento – discorre sobre o seu percurso pessoal e as suas experiências de vida, para assumir uma postura de índole espiritual marcada por um forte pendor visionário. Esta tendência leva-o a profetizar a queda da estação espacial russa MIR em Paris para o ano de 1999. Recordamos que já se conhecia que a estação espacial estaria condenada e se vivia o espectro das consequências da chegada do ano 2000, principalmente no âmbito da informática.

Mas, nesse livro, Paco Rabanne é bem mais profundo do que aquela previsão faria supor. Aí ele discorre sobre o mundo da moda, as suas tendências e de que forma elas podem reflectir algo da própria condição do mundo. Para ele é muito claro que as tendências da moda sempre prenunciaram os acontecimentos da história humana. Afirma que quando a moda assume um “design” particular como, por exemplo, casacos de ombros elevados e corte militar, isso sempre denunciou, num futuro próximo, a ocorrência de conflitos armados mais ou menos violentos.

Do mesmo modo, sempre que se desenhavam formas leves e usavam tecidos de textura suave, isso

se fez acompanhar por fases posteriores de desanuviamento a nível mundial. Tudo isto muito no sentido das conclusões de Cliff e George. Como se existissem grandes ideias, circulando a nível mental, perceptíveis de forma inconsciente, numa primeira fase, pelos elementos mais sensíveis e visionários da Humanidade – músicos, escritores, artistas ou designers de moda – que os levam a plasmar “*antes do tempo*” a “*forma dos acontecimentos futuros*”, como diria Cliff High.

Para nós, estudantes do esoterismo, isto não nos surpreende. Sabemos que existem, de facto, ideias, pensamentos força, pensamentos semente, que circulam noutros níveis suprafísicos e que sempre que algum acontecimento de impacto global sucede no plano físico, já os seus efeitos se fizeram sentir, anteriormente, noutros níveis. Não será descabido afirmar que muitos homens e mulheres de grande sensibilidade “sentem” já, noutros planos, a intensidade dos acontecimentos futuros e aquilo que sentem não é positivo.

UMA VISÃO ESCATOLÓGICA DO FUTURO

Como vimos anteriormente, algumas tradições anunciam vários acontecimentos de índole catastrófica para a época que designam como “fim dos tempos” ou “tempos de tribulação”. Nessa época se anunciam os mais variados cataclismos e conflitos armados entre as forças do bem e do mal. Duas das grandes religiões – o islamismo e o catolicismo – são pródigas nessas referências.

Para os Cristãos tratar-se-á do Apocalipse, a “Revelação”, ou, melhor dizendo, a “desvelação”, época onde o véu que cobre os antigos mistérios será removido. Contudo, é forçoso que a Humanidade caminhe na maior desolação, submetida a todas as pragas e ao tropel dos quatro corcéis fatídicos rumo ao Armagedão. Segundo a visão bíblica, na segunda vinda do Messias este defrontará o Anticristo, Satan, na Batalha do Armagedão, de onde sairá vencedor, lançando a “Besta” no abismo mais profundo por 1.000 anos. Findo este tempo, abando-

nando o cativoiro, a Besta reunirá os povos de Gog e Magog, contra a Cidade Santa – Jerusalém. A intervenção divina libertará a cidade e lançará aqueles cujo nome não está escrito no “Livro da Vida” num “Lago de Fogo”.

Mas quem afirma, decididamente, que nos encontramos em pleno advento “d’Aquele que Vem”¹⁴, como é conhecido em muitos quadrantes, é a tradição muçulmana, principalmente a de raiz xiita.

A autoridade suprema, manifestada no *Imam*, leva a comunidade xiita a considerar que o verdadeiro poder espiritual reside na linhagem de Imans, que se estabelece desde os tempos do Profeta. Dentro do próprio xiismo existe uma corrente – a mais poderosa actualmente – que afirma ser esta linhagem a única continuadora do verdadeiro sentido do Islão e do legado espiritual do Profeta. São conhecidos como “*Os Xiitas dos Doze Imans*” e dão corpo à doutrina do “xiismo duodecimano”. Para este ramo, os Doze Imans são os sucessores da família de Ali, tendo sido ele o primeiro de todos os Imans.

Ora, há um mistério profundo, no mundo islâmico, sobre a natureza do 12º Imam, conhecido como *Muhammad al-Mahdi*. Existe uma escatologia islâmica e, em todo o Islão, corre uma forte corrente tradicional que prenuncia para os tempos actuais a manifestação, de novo, entre os Homens, do “*Imam Mahdi*”, “Aquele que é Guiado”. Também a tradição Islâmica anuncia, no fim dos tempos, uma batalha

decisiva entre o bem e o mal, entre os poderes da luz e das trevas, entre os que permaneceram fiéis aos ensinamentos do Profeta e aqueles que os descuraram e deturparam.

O xiismo está profundamente convicto de que nos encontramos nesse “Fim do Mundo”, designado por *Quyamat*, onde serão convocados todos os crentes para a grande batalha final entre as forças do Mahdi, sob a orientação de Isa (Jesus), contra o espírito do mal, o anti Cristo, o *Dajjal*, na tradição muçulmana.



O nome *Muhammad al-Mahdi* tal
como aparece escrito em
Medina na Mesquita do Profeta

Para muitos, essa época, esse “tempo de tribulação”, estará muito próximo, podendo coincidir com o ano de 2012.

A VISÃO EUBIÓTICA DE 2012

Em 25 de Março de 1956, no programa de rádio “Santuário do Brasil”, emitido através da estação de rádio brasileira Roquete Pinto, o nosso Mestre fazia difundir, através de uma palestra pública, a seguinte mensagem:¹⁵

“Estamos vivendo um momento angustioso, como os momentos que precederam as grandes tragédias em todo o curso da evolução humana. Sabemos que 1956 é o ano decisivo para os destinos da Humanidade, porque é o ano de seu julgamento cíclico, a separação do trigo e do joio. Como em todas as épocas, não têm faltado os avisos, os apelos e as súplicas. Porém, bem poucos dão ouvidos a semelhantes palavras. E isto porque, como disse a pequena vidente de Fátima ao padre



Professor
Henrique José de
Souza

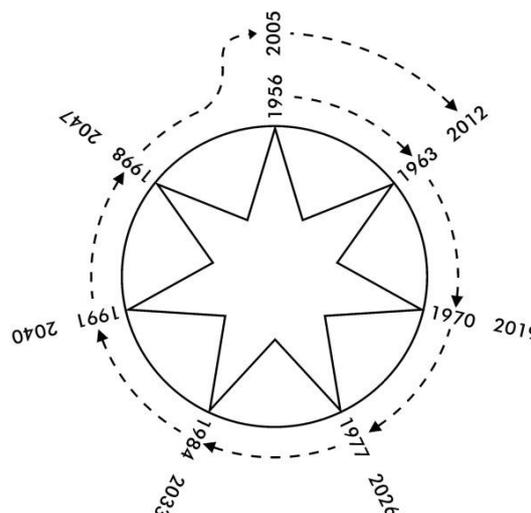
que a interpelou, “o número dos perdidos é maior do que se possa imaginar”.”

Como anteriormente fizemos notar, a Eubiose possui uma visão peculiar sobre as questões relacionadas com o ano de 2012. Se, efectivamente, a Humanidade vivenciou – ainda que de forma subjectiva – um momento de transcendental importância em 1956, então será lícito supor que, a partir dessa data, se deu início a uma dinâmica global, planetária, á qual não será estranha uma rítmica baseada no número 7.

Atravessámos, deste modo, os anos de 1963, 1970, 1977, 1984, 1991, 1998 e 2005, ano este nuclear em toda a filosofia Eubiótica, por ser aquele, de há muito profetizado, como o da “manifestação cíclica do Avatara”. A Eubiose possui motivos objectivos e subjectivos para crer que alguns processos relacionados com essa manifestação terão ocorrido de facto, em consonância com o Encontro entre duas grandes entidades cósmicas a 28 de Setembro desse mesmo ano.

Após 7 ciclos de 7 anos, que se perfizeram em 2005, sucede um 8º ciclo que se conclui em 2012. E se 1956 é, para os Eubiotas, o ano do Grande Julgamento Universal e 2005 o do início da manifestação Avatárica, 2012 poderá sintetizar em si, como uma oitava coisa, toda a nossa evolução colectiva dos últimos anos 56 anos.

Contudo, existe uma outra data que é recorrentemente apontada, como vimos, nos vários estudos relativos ao ano de 2012 e à sua problemática. É o de 1998. Fim do 6º ciclo de 7 anos, após 1956.



Em 1996 comemorámos os 40 Anos de Eubiose em Portugal. A Comunidade Portuguesa de Eubiose celebrou essa efeméride, em 1997, com uma sessão solene na “Sala da Nau” do Palácio Valenças, em Sintra. Numa das alocações aí proferidas Olímpio Gonçalves teve oportunidade de afirmar: *“Entre 1956 e 2005 perfazem-se sete septénios e sete septénios totalizam 49 anos. Quem convive, um pouco que seja, com a natureza dos números, sabe que o numero 49 está prenhe de significados simbólicos. 49 é o quadrado de 7. Expressa o termo de uma viagem. Assinala a cúspide de um ciclo e a partida para um novo ciclo, ciclo que não conduzirá a mera repetição, mas a uma transmutação radical, a uma passagem para outro estado.”*

Nesse texto reflectiu, também, sobre o ano de 1998 e sobre a sua importância para a Comunidade Portuguesa de Eubiose e a Eubiose em Portugal. Citamos, de novo, Olímpio Gonçalves: *“Constatámos que o giro dos sete septénios da Eubiose culminam no ano de 2005 e que, ao morder a própria cauda, a*

serpente Oroboros encerra um ciclo maior e anuncia o surgimento de uma Nova Ordem planetária. Que surpresas nos reservará ainda este septénio em decurso na vida da Eubiose? Toda a futurologia assenta em conjecturas e todas as conjecturas, mesmo fundamentadas, correm o risco de distorcer a fiabilidade dos factos. A alternativa mais confiável será, talvez, a de nos atermos metodicamente aos dados fornecidos pela hermenêutica sagrada, procedendo à sua exegese. Acreditamos que, de forma alguma este exercício seja despiciendo, pois, no plano das similitudes, bem poderá acontecer que o futuro nos revele algumas concordâncias entre os ritmos mundiais e o deste microcosmos que é a Eubiose”.

E, mais adiante, aponta alguns dados relativos ao ano de 1998, do ponto de vista da Hermenêutica Sagrada, e da sua redução teosófica ao número 9, tendo referido:

“1 - ARCANO: Lâmina n.º 9. O Adepto, o Ermitão.

Aforismo: “Uma estrela brilha na lanterna. Seu fanal insinua: Onde Eu estou podes estar tu”.

2 - AXIOMA TRANSCENDENTAL

“Sobe ao Monte. Contempla a Terra Prometida. Mas não digo se entrarás nela”.

3 - POSTULADO AGARTINO

“Redenção pela Sabedoria e Santidade”.

4 - ATRIBUTO CÓSMICO

“O Nome de Deus”.

No Equinócio da Primavera de 1999 a Comunidade Portuguesa de Eubiose enviou aos seus membros uma circular onde se reflectia sobre uma configuração especial, do ponto de vista astrológico, que ficou conhecida como a Grande Cruz Zodiacal. Recordamos que vivíamos, nessa época, os temores de um final de século muito suportados pela recente passagem do cometa Hale-Boop – fantástico espectáculo celeste – e por uma quadra das centúrias de Nostradamus, recorrentemente citada, a Quadra 72 da Centúria X.

*“L'an mil neuf cens nonante neuf sept mois
Du ciel viendra vn grand Roy d'effrayeur
Resusciter le grand Roy d'Angolmois
Auant apres Mars regner par bon-heur”*

Cujo provável tradução será:

*“No ano de mil novecentos e noventa e nove e sete meses
Do céu virá um grande Rei de terror
Ressuscitar o grande Rei de Angolmois
Antes e depois de Marte reinar por felicidade”*

Muitos viram neste “Rei de terror” a alusão a um provável corpo celeste que poderia colidir com a Terra, outros profetizavam a emergência de um caudilho militar nascido no Oriente, outros, ainda, a

eclosão de um conflito com recurso a armas nucleares. De qualquer modo, esta foi uma época de acontecimentos importantes, porventura já esquecidos nos nossos dias.

E a missiva da Comunidade aduzia: *“Gostaríamos, antes de continuarmos a nossa reflexão, de reafirmar a posição da Comunidade relativamente às questões relacionadas com as preocupações milenaristas, o chamado fim dos tempos, e todas as profecias que em torno deste tema giram. Para os Eubiotas, aquilo que é importante é a dinâmica da evolução e não os seus acontecimentos particulares. Por isso, não cabem nas nossas preocupações as profecias relativas a prováveis cataclismos ou conflagrações que possam ocorrer no final deste século. A nossa tarefa fundamental é servir o propósito da Hierarquia de Mestres na consecução dos seus desígnios para a Humanidade, e não a forma pela qual esses desígnios serão cumpridos. Tudo será feito de acordo com a Sua Vontade, quer isso agrade à nossa Personalidade ou não. Se, de uma forma infeliz, os piores vaticínios se concretizarem, estaremos prontos a dar o nosso contributo, dentro dos nossos conhecimentos e das nossas possibilidades, para que o Reino do Pai se estabeleça à face da Terra, por forma a dar continuidade à transmissão perene da Sabedoria Tradicional”*.

CONCLUSÃO

Concluimos, assim, que devemos possuir uma visão positiva do mundo e das coisas. A esperança de que qualquer que seja a forma dos acontecimentos futuros eles serão o prenúncio de dias positivos, felizes, de realização espiritual para a grande família Humana. Apesar de todas as dificuldades e percalços que nos possam reservar os tempos vindouros, seremos vencedores.

Chegámos ao final desta nossa viagem pelo chamado “fenómeno 2012” porventura mais conscientes dos perigos e dos escolhos que espreitam o nosso futuro, mas optimistas quanto ao devir do mundo e da Humanidade

Terminamos com as palavras de S. Paulo, na sua 1ª Epístola aos Tessalonicenses:

“Irmãos, quanto ao tempo e aos momentos, não precisais que vos escreva. Com efeito vós próprios sabeis perfeitamente que o Dia do Senhor chega de noite como um ladrão. Quando disserem: “Paz e

segurança”, então se abaterá repentinamente sobre eles a ruína, como as dores de parto sobre a mulher grávida, e não escaparão a isso.

Mas vós, irmãos, não estais nas trevas, de modo que esse dia vos surpreenda como um ladrão. Na verdade, todos vós sois filhos da luz e filhos do dia. Não somos nem da noite nem das trevas. Não durmamos, pois, como os outros, mas vigiemos e sejamos sóbrios. Os que dormem, dormem de noite e os que se embriagam, embriagam-se de noite. Ao contrário, nós que somos do dia, sejamos sóbrios, revestidos com a couraça da fé e da caridade e com o elmo da esperança da salvação.”

Notas:

- ¹ Existem inúmeras correlações de datas. Aquela que reúne maior consenso é a correlação GMT (Goodman, Martinez e Thompson) como veremos adiante.
- ² Em capítulo posterior veremos o significado dos diferentes ciclos do Calendário Maia.
- ³ O aparecimento desta data – em alternativa a outras, posteriormente mencionadas – será melhor compreendido quando analisarmos o Calendário Maia.
- ⁴ In <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Chichen-Itza-Castillo-Seen-From-East.JPG>
- ⁵ Os Itza constituíam-se como um grupo étnico Maia.
- ⁶ O tema dos Gémeos é um dos temas caros à Eubiose e surge como tema recorrente nas mais diversas tradições de todos os quadrantes.
- ⁷ In <http://en.wikipedia.org/wiki/File:Maya.svg>
- ⁸ Os nomes Maias resultaram da conversão, para a grafia ocidental, dos prováveis sons de cada palavra. Por este motivo encontramos grafias diferentes em diferentes estudos e publicações. Por exemplo, Ajau é, também, grafado como Ahau.
- ⁹ O dia “zero” do Calendário Maia, 11 de Agosto de 3114 AC. In <http://www.13moon.com/prophecy%20page.htm>
- ¹⁰ In <http://thelosangelesbeat.com/2012/01/dear-librarian-2/tortuguero>
- ¹¹ In http://en.wikipedia.org/wiki/File:Timewave_9_11_2001.png
- ¹² In www.halfpasthan.com
- ¹³ In <http://halfpasthan.com/aintwhatitusedtobe.html>
- ¹⁴ Que não é outro senão o Senhor Maitreya das tradições Orientais ou o Encoberto da Tradição Portuguesa.
- ¹⁵ In revista Dhâranâ nº 13 e 14 de Março a Junho de 1956.

Gostaria de ser membro da Comunidade Portuguesa de Eubiose?

São fins específicos da Comunidade Portuguesa de Eubiose promover o estudo, a vivência e a difusão da Eubiose tal como é postulada na Doutrina Eubiótica, pelos seguintes meios:

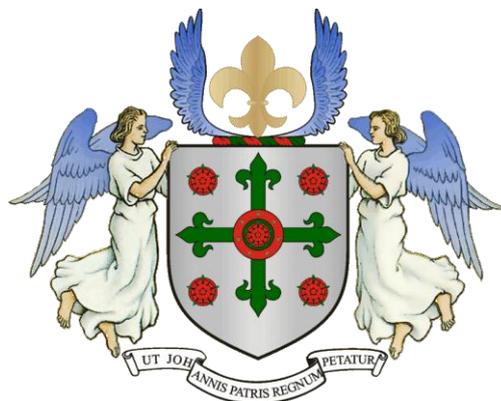
Desenvolver as tendências, atributos e virtualidades superiores, latentes no homem, de acordo com a tónica de Aquarius e a sua biorrítmica;

Consagrar objectivamente os cânones e características específicas da Nova Era cuja consecução será a Sinarquia Universal;

Contribuir para o enriquecimento dos conhecimentos da Humanidade à luz da conceituação do Novo Humanismo e Renascentismo Aquarianos.

A Comunidade é rigorosamente neutra em matéria de natureza política e religiosa, não visando fins lucrativos.

Se está em consonância com estes princípios, solicite sem qualquer compromisso o questionário de ingresso.



Comunidade Portuguesa de Eubiose

Priorado Sinárquico Eubiótico da Lusitânia

www.cpeubiose.pt

www.facebook.com/cpeubiose

cpe@cpeubiose.pt

Apartado 4175

1504-001 LISBOA